

Representações de crianças em situação de rua na literatura brasileira do século XVI ao XX: travessias de um campo em (des)construção /
Representations of Children in Street Situation in Brazilian Literature from the 16th to the 20th Century: Journeys of a (De)constructed Field

*Priscila Nunes Brazil**

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande, Paraíba, Brasil. Mestranda em Linguagem e Ensino. Especialização em Linguagens, suas tecnologias e o mundo do trabalho. Professora do Instituto Federal da Paraíba (IFPB).

 <https://orcid.org/0000-0001-7435-5814>

*Maria Thaís de Oliveira Batista***

Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil. Mestra em Ensino (UERN). Professora do Instituto Federal da Paraíba (IFPB).

 <https://orcid.org/0000-0001-5337-8507>

*Francisco Roberto Diniz Araújo****

Universidad de Flores (UFLO), Buenos Aires, Argentina. Pós-doutor em Psicologia com Orientação em Metodologia da Investigação e Revisão (UFLO). Professor formador do Instituto Federal de Roraima (IFRR).

 <https://orcid.org/0000-0003-3799-3870>

Recebido em 19 jan. 2023. **Aprovado** em: 28 jul. 2023.

Como citar este artigo:

BRAZIL, Priscila Nunes; BATISTA, Maria Thaís de Oliveira; ARAÚJO, Francisco Roberto Diniz. Representações de crianças em situação de rua na literatura brasileira do século XVI ao XX: travessias de um campo em

*

 prinunesbra31@gmail.com

**

 professoramariathaisdeoliveira@gmail.com

 robertodinizaemd@hotmail.com

(des)construção. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 12, n. 2, p. 310-325, ago. 2023. Doi: 10.5281/zenodo.8302781.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a representação da criança em condição de vulnerabilidade social na literatura brasileira, abordando personagens que enfrentam a marginalização e a falta de moradia. Realizamos uma pesquisa bibliográfica que discute a infância sob diversas perspectivas, traçando um histórico das crianças em situação de carência e desabrigo, retratadas por autores renomados selecionados para compor o corpus de pesquisa. A literatura brasileira sempre se engajou nas questões sociais de cada época, sendo evidente em obras como *A Escrava Isaura* de Bernardo Guimarães, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis, *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo, *Capitães da Areia* de Jorge Amado e *Grande Sertão Veredas* de Guimarães Rosa. As obras analisadas retratam os chamados "excluídos" da sociedade, pessoas marginalizadas e muitas vezes desprovidas de documentos ou um lar, consideradas praticamente inexistentes. Nesse sentido, o presente trabalho tem como aporte teórico autores como Machado (2006), Kramer (2003), Polinésio (1994), e o documento do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Portanto, as crianças brasileiras em situação de rua, por séculos ignoradas, têm agora despertado a atenção da sociedade, que não pode mais se dar ao luxo de ignorar essa problemática.

PALAVRAS-CHAVE: Criança; Literatura brasileira; Infância; Pobreza.

ABSTRACT

*The present article aims to analyze the representation of children in conditions of social vulnerability in Brazilian literature, focusing on characters facing marginalization and homelessness. We conducted a bibliographical research that discusses childhood from various perspectives, tracing a historical overview of children in situations of need and homelessness, as depicted by renowned authors selected to compose the research corpus. Brazilian literature has consistently engaged with social issues of each era, as evident in works such as *A Escrava Isaura* by Bernardo Guimarães, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* by Machado de Assis, *O Cortiço* by Aluísio de Azevedo, *Capitães da Areia* by Jorge Amado, and *Grande Sertão Veredas* by Guimarães Rosa. The analyzed works portray the so-called "excluded" individuals from society, marginalized and often deprived of documentation or a home, practically considered non-existent. In this regard, the present study draws theoretical support from authors like Machado (2006), Kramer (2003), Polinésio (1994), and the Statute of the Child and Adolescent (1990) document. Consequently, Brazilian children living on the streets, long disregarded for centuries, have now drawn the attention of society, which can no longer afford to ignore this issue.*

KEYWORDS: Child; Brazilian literature; Childhood; Poverty.

1 Introdução

O objetivo central deste artigo é analisar como a criança em situação de rua é retratada por autores consagrados no campo literário. O foco desta pesquisa se concentra na representação de meninos pobres e oprimidos, que são retratados na literatura brasileira do século XVI ao século XX.

Ao longo da história da literatura brasileira, diversas obras fundamentais têm explorado o tema da exclusão do indivíduo frente à sociedade, englobando não apenas os pobres, mas também todos aqueles marginalizados e ignorados ao longo dos séculos. Entre essas pessoas encontram-se as crianças, que, desprovidas de lar e de documentos, enfrentam uma vida de miséria, muitas vezes

obrigadas a viver e trabalhar nas difíceis condições das ruas brasileiras, lutando para sobreviver sob as circunstâncias mais adversas imagináveis. Algumas das obras que abordam essas situações de exclusão e retratam crianças em situação de rua incluem *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, apresentando a história de Isaura, uma jovem escrava que enfrenta a marginalização e o preconceito social; *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, que discute a desigualdade social e a falta de oportunidades para os menos favorecidos, embora não foque diretamente nas crianças desfavorecidas; *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, uma obra emblemática que retrata a vida de um grupo de crianças abandonadas vivendo nas ruas de Salvador; e *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, que aborda as condições precárias de vida dos moradores de um cortiço, incluindo crianças em situação de vulnerabilidade.

Nos tópicos seguintes, promovemos uma discussão abrangente sobre a infância a partir de diversas perspectivas, traçando uma jornada histórica das crianças em situação de pobreza e de rua por meio das obras de autores renomados, cuidadosamente selecionadas para compor o corpus de pesquisa.

Para oferecer uma base teórica sólida a este estudo, recorreremos às contribuições de autores influentes, como Machado (2006), Kramer (2003), Polinésio (1994), além do arcabouço fornecido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (1990).

Ao apresentar o tema, objetivo, problema de pesquisa, possíveis hipóteses e o planejamento das etapas desta pesquisa, buscamos oferecer uma exploração aprofundada do assunto, ao mesmo tempo em que abordamos sua viabilidade teórica e relevância contemporânea. As seções subsequentes mergulharão nos resultados da pesquisa bibliográfica, contribuindo para uma compreensão mais profunda da representação das crianças em situação de pobreza e de rua na literatura brasileira.

2 As primeiras crianças na literatura brasileira do século XVI ao XX

Engajada em questões sociais das mais diversas épocas, a literatura brasileira sempre representou, em maior ou menor grau, os impasses das sociedades vigentes. Demonstrando tal fato, *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis,

O Cortiço, de Aluísio de Azevedo, *Capitães da Areia*, de Jorge Amado e *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, são alguns exemplos disso.

Dessas obras, muitas tratam dos chamados "excluídos" da sociedade - não apenas os pobres, mas também considerados não-cidadãos - sem documentos ou lar. Simplesmente, pessoas não existentes. As crianças brasileiras de rua, nesse sentido, ignoradas por séculos, têm feito à sociedade lançar um novo olhar para tal cenário, não mais o reservando à subalternidade, visto que ignorar a problemática deixou de ser uma opção viável. Essa mudança de perspectiva também encontra respaldo no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que reconhece a necessidade de proteção e atenção especial às crianças em situação de vulnerabilidade, garantindo seus direitos e assegurando sua inclusão na sociedade (BRASIL, 1990).

Contudo, o fenômeno de retratar crianças na literatura brasileira não é de fato recente, como observado por Marisa Lajolo (1997), renomada pesquisadora e crítica literária. Já em 1500, na carta de Pero Vaz de Caminha ao rei português D. Manuel, menciona-se a presença de uma criança, que estava nos braços de uma mulher, envolta em um pano que revelava apenas suas perninhas, enquanto a mãe não trazia nenhum pano. Essa referência histórica ilustra que a temática das crianças na literatura remonta aos primórdios da colonização brasileira.

Dessa forma, temos a representação apenas das pernas da primeira personagem infantil da literatura do Brasil. O documento literário em questão é constituído por uma linguagem transpassada por metáforas e subjetividades de Pero Vaz, além da descrição objetiva da nova terra e de seus habitantes. Três séculos depois, uma criança índia recebe destaque em outro texto literário, que é Moacir, personagem do romance de José de Alencar, *Iracema*, publicado em 1865. A criança surge no início da obra, mas o que se relata é o fim da história: Iracema morta, Martim e Moacir em uma jangada sem rumo. Se pensarmos em rios como ruas, naquele período, teríamos a primeira criança de rua. Porém, pelo menos, com um dos pais o protegendo.

Ainda nesse intento, Casimiro de Abreu, em seu poema *Meus oito anos* (1859), traz a saudade da valorosa infância, que chama de "aurora" da sua vida. A infância é retratada de forma nostálgica, na perspectiva de um tempo que os anos não voltam. Suspirando flores, sonhos e amores vividos sob a sombra dos laranjais, suspira com a beleza de tais momentos e da inocência. Com isso, temos uma visão idealizada representada pela felicidade ideal associadas a cada verso.

Resgatando os primórdios da literatura brasileira, a criança foi apresentada como frágil, pura, inocente e protegida, porém, não é por muito tempo que essa forma de abordar a infância permaneceu. Foi ainda no século XIX que o escritor Machado de Assis, por via de seus contos mostrou adultos exercendo poder e domínio sobre crianças, nas obras *Conto de escola*, de 1884, e *Pai contra mãe*, de 1906.

No século XX, com publicação em 1920, Monteiro Lobato publica seu conto *Negrinha*, que ilustra uma criança pobre e negra após a abolição da escravatura no Brasil. Uma menina de sete anos, que recebia maus-tratos e morre de tristeza ao descobrir que a vida ia além do tratamento que até então recebia.

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não: fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados. Nascera na senzala, de mãe escrava e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças. Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entalada as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma – “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo (LOBATO, 1967, p. 3).

O autor, ironicamente, exalta as qualidades da patroa em questão e descreve o crescimento de negrinha. A história, no entanto, tem atenuantes com relação ao preconceito racial no tocante à cor de negrinha, e sobretudo, corrobora com as outras que abordam a temática das crianças invisíveis na literatura brasileira.

Vivendo em condições horríveis, cresceu resignada a criança Negrinha, até que, em contato com o tratamento que outras crianças – “lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas” surgem na história e Negrinha descobre não só que existiam brinquedos, mas que havia diferença de tratamento entre ela e as tais meninas (LOBATO, 1967).

Lobato, nesse conto, de maneira cortante e mais explícita que Machado de Assis, demonstra a dualidade na forma diferencial de como as crianças de classes sociais distintas recebiam tratamento. O fenômeno, deste modo, das crianças invisíveis no Brasil, se origina com as relações entre senhor/escravo e se estende até os dias atuais.

Além disso, diversas obras contemporâneas também trazem personagens que ilustram essa dualidade social. Um exemplo é o romance *Cidade de Deus* de Paulo Lins, que apresenta a realidade das crianças que crescem em meio à violência e à marginalização nas favelas do Rio de Janeiro. Outro exemplo é o livro *Menino de Engenho* de José Lins do Rego, que retrata a vida de um menino nordestino em meio à pobreza e exploração em um engenho de cana-de-açúcar. Essas obras contemporâneas são importantes para ampliar a reflexão sobre as questões sociais que afetam as crianças em situação de vulnerabilidade no Brasil, destacando a persistência do problema ao longo do tempo.

Ainda em 1920, no mesmo volume de contos intitulado *Negrinha*, encontramos um conto nomeado *O Fisco*, no qual o narrador propõe comparações entre o organismo humano e como é viver na cidade:

A rua é a artéria; os passantes, o sangue. O desordeiro, o bêbado e o gatuno são os micróbios maléficos, perturbadores do ritmo circulatório determinado pelo trabalho, em particular dos imigrantes italianos. O soldado de polícia é o glóbulo branco – o fagócito de Metchenikoff. Mal se congestiona o tráfego pela ação anti-social do desordeiro, o fagócito move-se, caminha, corre, cai fundo sobre o mau elemento e arrasta-o para o xadrez (LOBATO, 1967, p. 53).

O micróbio descrito no conto era uma personagem criança, com roupas maltrapilhas, apavorada e perdida nos acontecimentos. Com nove anos, Pedrinho, filho mais velho de um casal de italianos, constrói uma caixa de engraxar sapatos a fim de ajudar os pais. Um fiscal passa pelo local e pede a licença para que o trabalho aconteça e o garoto, que não entendia no que consistia e, muito menos, tinha tal licença, é levado para casa pelo fiscal, que os multa e toma suas economias. Pedrinho, nesse momento, leva uma surra no quintal enquanto o fiscal gasta o dinheiro recebido no bar mais próximo. Nesse momento, assim como na história de *Negrinha*, temos uma espécie de denuncia a fim de chamar atenção do leitor a respeito dos pobres e oprimidos, mudando apenas o cenário no qual estão inseridos os personagens – visto que estes últimos são imigrantes italianos.

Por fim, também em 1920, Lima Barreto publica seu livro *Histórias e Sonhos* e, com ele, temos a representação de personagens invisíveis – pobres e à margem da sociedade, a exemplo do conto *O Moleque*, que trata de um garoto pobre, filho de uma mulher negra lavadeira, sem tempo para brincar ou estudar, já que tem que trabalhar duro para ajudar a mãe. Nesse sentido, para Júlia Marchetti

Polinésio, em *O conto e as classes subalternas*, publicado em 1994, até o ano de 1920, o sentimento de simpatia pelos humildes e a atitude de denunciar as injustiças ocorridas na sociedade não eram constantes, mas expressões esporádicas no meio literário (POLINÉSIO, 1994).

Machado de Assis, Monteiro Lobato e Lima Barreto mostram a face da criança brasileira ignorada por séculos. A infância aqui nomeada de “invisível” – à margem da sociedade, figura como personagem. É relevante destacar que a criança de rua propriamente, conforme será discutido a seguir, fica oculta até meados da década de 1930, embora nos textos *Negrinha* e *O fisco*, de Monteiro Lobato, e *O moleque*, de Lima Barreto, aqui trazidos, por exemplo, já pode-se encontrar resquícios da temática da opressão às crianças subalternizadas brasileiras.

3 Meninos em situação de rua na literatura brasileira

Em se tratando dos meninos de rua na literatura brasileira, é no ano de 1922 que temos, a partir do romance de Ranulpho Prata, médico e escritor sergipano, conhecido por sua amizade com Lima Barreto, a obra *Dentro da vida*.

O romance em questão traz a história de Bento, que é um garoto pobre que se torna menino de rua após à morte dos pais. Luis Bueno, doutor em teoria literária pela Unicamp, em seu livro publicado em 2006 nomeado *Uma história do romance de 30*, aponta tal obra de Ranulpho como precursora do romance da década de 30, pelo fato de trazer um protagonista pobre, que foi menino de rua, se caracterizando como a primeira obra de ficção brasileira na qual o tema das crianças invisíveis – em situação de rua - é abordado.

Mário de Andrade, em 1923, publica *Piá não sofre? Sofre*. Seu conto que também traz um garoto pobre, de quatro anos de idade, chamado Paulino, que é filho de uma italiana e de um presidiário. A mãe, lavadeira, com péssimas condições de salário para viver e bastante frustrada com a pobreza na qual vivia, se vale disso para, ao invés de dar amparo e proteção à criança em questão, espancá-lo. Além de faminto, Paulino crescia com medo:

Teresinha acordava de fadiga, com a mãozinha do filho batendo na cara dela. Ficava desesperada de raiva. Atirava a mão no escuro, acertasse onde acertasse, nos olhos, na boca-do-estômago, pláa!... Paulino rolava longe com uma vontade legítima de botar a boca no mundo. Porém o corpo se lembrava duma feita em que

a choradeira fizera o salto do tamanco vir parar mesmo na boca dele, perdia o gosto de berrar. Ficava choramingando tão mando que até embalava o sono da Terezinha. Pequeninho, redondo, encolhido, talequalmente tatuzinho de jardim (ANDRADE, 1988, p. 37).

A criança de quatro anos sentia uma fome tão grande que passou a comer de um tudo que encontrasse:

Nessa esperança de matar a fome, Paulino foi descendo a coisas nojentas. Isto é, descendo, não. Era incapaz de pôr jerarquia no nojo, e até o último comestível inventado foi formiga. Porém não posso negar que uma vez até uma barata... Agarrou e foi-se embora mastigando, mais inocente que vós, filhos dos nojos. Porém, compreende-se, eram alimentos que não davam substância nenhuma (ANDRADE, 1988, p. 40).

Passando a morar com um espanhol, a mãe de Paulino o leva para morar na casa de sua avó paterna. Na nova morada, a fome não é mais uma questão, mas os abusos com relação aos maus tratos se tornam ainda mais complicados. Paulino chega a ver a mãe mais uma vez, na rua em que morava; tornara-se prostituta e, tempos depois, compadece-se do filho, mas pensa que ele seria um “trambolho nas pândegas” e o deixa abandonado e solitário. Paulino, então, se torna a criança na qual descarregam revoltas dentro de seu ciclo social, por ser o mais indefeso.

Dessa forma, oportuno, o título do conto *Piá sofre? Sofre* faz uma crítica, de forma irônica, à infância idealizada e feliz cantada pela maior parte dos poetas brasileiros. A palavra piá funciona na região Sul do país como menino e a resposta à pergunta de Mário de Andrade, a respeito do sofrimento da criança do Brasil, tem resposta no próprio título.

Embora não exista um leque de obras literárias que tratam do problema dos meninos de rua entre os séculos XVI até o século XX, no século XIX temos, na literatura brasileira, uma certa conscientização a respeito da situação desigual na qual as crianças brasileiras viviam e vivem até os dias atuais. As crianças pobres, excluídas e marginalizadas foram representadas, muitas vezes, como submissas e usadas por autores consagrados como sua expressão de piedade ou revolta. Foi em 1935, nesse intento, que Jorge Amado apresentou outra perspectiva às crianças em situação de rua: como maduras, ainda que jovens. Como seres que sentem a injustiça, mas que também são capazes de desafiar a classe dominante.

Participante ativo da vida política dentro e fora de seus livros, Jorge Amado, sem dúvidas, é

um dos maiores escritores brasileiros. Sua experiência pessoal aos treze anos de idade, ao fugir do colégio interno no qual vivia em Salvador, pode o ter levado a interessar-se pelo tema das crianças em situação de rua. Fortemente influenciado pelos escritores Dickens e Victor Hugo e seus romances que versam sobre as crianças em situação de abandono, em uma entrevista, Jorge explicou um pouco de seus ideais:

Quero o socialismo porque com ele não haverá fome, não existirá essa terrível miséria nordestina. Mas hoje não abro mão da liberdade em troca disso. A palavra mais aí é importante, porque quando jovem eu aceitava isso. Mas chega um momento em que se quer as duas coisas, que haja comida e liberdade. Infelizmente, em geral, não há nem liberdade nem comida. Também no mundo capitalista não há muita liberdade. Ela é muito limitada. Muitos dirão que é impossível socialismo com liberdade e responderei que se trata do direito ao sonho (MACHADO, 2006, p.91).

Trazendo seus ideais na obra literária, Jorge Amado publica sua primeira obra-prima, em 1935, chamada *Jubiabá* e já no capítulo *Mendigo*, nos traz a época em que Antônio Balduino ou Baldo, menino de rua, vivia aventuras e encontrava uma forma original de mendigar junto ao grupo de crianças em situação de rua do qual fazia parte: cantando, através da voz do personagem também criança conhecido como Gordo: “Esmola pra sete ceguinhos [...] Eu sou o mais velho, esse é o segundo, os outros estão em casa, Papai é aleijado, Mamãe é doente, Me dê uma esmola pra sete orfãozinhos, são todos ceguinho [...]” (AMADO, 1987, p.67).

As pessoas tidas como corajosas ainda retrucavam: “- Então como é... São sete e tem aí mais de dez... São órfãos e têm pai e mãe doentes... Ceguinhos e veem tudo... Como é isso?”. Para o narrador, ninguém tinha coragem de encarar os moleques que cantavam e, ainda para se verem livres do grupo de crianças malvestidas, davam esmolas.

Atualmente, algumas das técnicas usadas pelas crianças em situação de vulnerabilidade social não diferem das usadas na literatura da década de 1930, visto que passam o dia em grandes grupos e são vistas como ameaçadoras, embora, muitas vezes, essa seja uma estratégia de segurança para eles próprios. Os meninos de rua, assim, visam a sobrevivência de si e dos outros integrantes do grupo. À noite, alguns buscam lugares para passar a noite, outros voltam para o local onde estão os familiares.

A respeito de Baldo, o capítulo de *Jubiabá* encerra-se com a declaração do poder das crianças:

O imperador da cidade come nos melhores restaurantes, anda nos automóveis mais luxuosos, mora nos arranha-céus mais novos. E sem pagar nada. Depois do meio-dia vai com seu grupo a um restaurante e diz qualquer coisa a um garçom. Este bem sabe que não é negócio brigar com esses moleques. Dá as sobras de comida embrulhadas em jornais. Certas vezes até sobra comida que eles jogam nas latas de lixo. E velhos mendigos comem as sobras das sobras [...]

E ele e sua guarda de honra só dormem nas portas dos mais novos arranha-céus, onde os empregados sabem que todos aqueles moleques têm navalhas, punhais, canivetes. Isso quando não preferem dormir no areal do cais do porto, olhando os navios enormes, as estrelas no céu, o verde mar misterioso (AMADO, 1987, p.78).

Ainda em Jorge Amado, em *Bahia de Todos os Santos: Guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador*, de 1944, temos um capítulo dedicado às crianças em situação de rua. Referindo-se a sua obra *Capitães da Areia*, o autor explica quem são essas personagens crianças:

Os molecotes atrevidos, o olhar vivo, o gesto rápido, a gíria de malandros, os rostos chupados de fome, vos pedirão esmola. Praticam também pequenos furtos. Há quase oito anos escrevi um romance sobre eles, os Capitães de Areia. Os que conheci naquela época são hoje homens feitos, malandros do cais, com cachaça e violão, operários de fábrica, ladrões fichados na polícia, mas capitães da areia continuam a existir enchendo as ruas da cidade, dormindo ao léu. Não são um bando surgido ao acaso, coisa passageira na vida da cidade. É um fenômeno permanente nascido da fome que se abate sobre as classes pobres. Aumenta diariamente o número de crianças abandonadas (AMADO, 1965, p. 143).

Neste capítulo, o problema dos menores abandonados no Brasil é descrito e infelizmente, fazendo ponte com os dias atuais, é perceptível que a cena não mudou. Jorge Amado, nesse sentido, defende que a questão da criança de rua é resultado da distribuição injusta da renda e da discriminação sofrida por essas crianças e adolescentes. Inovando o olhar trazido até então pela literatura brasileira de que tais crianças eram necessitadas e, portanto, fracas e vulneráveis, o autor de *Jubiabá* e *Capitães da Areia* traz a ideia de que, embora não apoie o estilo de vida dos meninos de rua, essas já se mostraram crianças inteligentes, lutadoras e sobreviventes de realidades difíceis de imaginar para pessoas de classes sociais altas. Outrossim, autores como Clarice Lispector e Rubem Fonseca também abordaram a temática da marginalidade e da pobreza em sua literatura.

Clarice Lispector, em primeiro plano, considerada como prioritariamente intimista e subjetiva em sua escrita, também traz inquietações sociais em sua literatura. Com enfoque no drama dos meninos de rua, há uma crônica da autora publicada em *A descoberta do mundo*, que fora publicada

no Jornal do Brasil, de 1967 a 1973, durante os chamados anos de chumbo da Ditadura.

As caridades odiosas é um texto que traz, com maestria, os sentimentos de Lispector com relação à uma criança de rua:

Foi em uma tarde de sensibilidade ou de suscetibilidade? Eu passava pela rua depressa, emaranhada nos meus pensamentos, como às vezes acontece. Foi quando meu vestido me reteve: alguma coisa se escanchara na minha saia. Voltei-me e vi que se tratava de uma mão pequena e escura. Pertencia a um menino a que a sujeira e o sangue interno davam um tom quente de pele (LISPECTOR, 1984, p. 381).

Clarice então traz a ideia de que o menino estava em um dos degraus da confeitaria e os olhos da criança mostraram tamanha aflição, pois pede-lhe que compre um doce. Na crônica, há continuação: “Acordei finalmente. O que estivera pensando antes de encontrar o menino? O fato é que o pedido deste pareceu cumular uma lacuna, dar uma resposta que podia servir para qualquer pergunta, assim como uma grande chuva pode matar a sede de quem queria uns goles de água” (LISPECTOR, 1984, p. 381).

A autora finaliza a crônica:

Afinal, uma alma caridosa apareceu. Esse menino estava nesta porta há mais de uma hora, puxando todas as pessoas que passavam, mas ninguém quis dar. Fui embora, com o rosto corado de vergonha. De vergonha mesmo? Era inútil querer voltar aos pensamentos anteriores. Eu estava cheia de um sentimento de amor, gratidão, revolta e vergonha. Mas, como se costuma dizer, o sol parecia brilhar com mais força. Eu tivera a oportunidade de... E para isso fora necessário um menino magro e escuro... E para isso fora necessário que os outros não tivessem lhe dado um doce (LISPECTOR, 1984, p. 383).

Com isso, Clarice Lispector traz sua relutância em enxergar a problemática da criança de rua e seu desconforto ao perceber a realidade trazida pela miséria do menino. Nesse sentido, isso explica parte do fato de os meninos de rua serem ignorados pelos escritores brasileiros durante um bom tempo. A crônica em questão conseguiu escapar à censura dos anos de Ditadura Militar e trazer uma problemática também ainda atual: a da existência alarmante de crianças em situação de rua.

Em segundo plano, Rubem Fonseca, escritor brasileiro nascido em Minas Gerais, escolhido de forma proposital para fechar a discussão do título dessa seção, propõe personagens que são fruto de um meio desfavorável. Seus contos demonstram, em sua maioria que o crime e o roubo não

funcionam apenas como saída, mas como forma de denunciar a revolta das pessoas. Uma “[...] característica importante de Rubem Fonseca é que ele também elimina a tradicional dicotomia entre o narrador culto e o personagem de condição social inferior e vai ainda mais longe, assumindo a própria personalidade de marginais e criminosos (POLINÉSIO, 1994, p. 115).

No livro *Feliz Ano Novo*, publicado em 1975, há um conto com esse mesmo nome que explicita o contraste na relação entre burguesia e os pobres. No conto, há um grupo de jovens que são “pobres, feios e desdentados”; o interessante, nessa obra, é que o narrador é um deles. Ele, por sua vez, inicia o texto assistindo à televisão e vendo que “as lojas bacanas estavam vendendo adoidado roupas ricas para as madames vestirem no réveillon” (p.8) e que “as casas de artigos finos para comer e beber tinham vendido todo o estoque” (p.8). O narrador, logo após, demonstra sua própria situação: “Vou ter que esperar odia raiar e apanhar cachaça, galinha morta e farofa dos macumbeiros” (p.10).

Os jovens estão descritos em um lugar que tem drogas, armas, que cheira mal e decidem se vingar invadindo a mansão em meio às comemorações de ano novo. Lá, eles invadem, destroem e matam pelo prazer de fazer vingança à condição de pobreza em que viviam. A linguagem, nesse momento, é violenta, com vias de expressar a crueldade da resposta dos jovens, que respondem com violência à situação na qual se encontravam. Nesse conto, Rubem nos mostra um fato importante e atual: a possibilidade de revolta das classes oprimidas contra uma classe dominante que as silencia e ignora.

4 As crianças invisíveis do século XX

Com o advento do final da ditadura militar em 1985, as crianças invisíveis continuaram a existir e a violência e a pobreza, também. Haviam, ainda, grupos de extermínio que matavam crianças em situação de rua e mendigos. As próprias crianças tiveram um aumento da violência praticada, e em 1990 o Ministério da Criança aprovou o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. Apesar de funcionar como um dos estatutos mais avançados na atualidade, mesmo depois de vinte anos após a sua aprovação, ainda não existem soluções plausíveis que garantam direitos básicos das crianças e adolescentes do Brasil.

No entanto, se as crianças em situação de rua – invisíveis – sofreram no período ditatorial e

continuam vivendo os danos de sua condição, no cinema e na literatura, na contramão, fizeram bastante sucesso, pois muito se publicou sobre elas após o período de 1985.

Em 1987, Giselda Laporta Nicodellis, em *Um Sinal de Esperança* conta a história de Oldemar menino criado pela avó na localidade da favela brasileira. O personagem resiste ao trabalho no tráfico de drogas. Ainda nesse mesmo ano, o livro de título: *O menino na Literatura Brasileira* é publicado e busca, segundo a própria autora: “O levantamento e a análise de obras, a partir da constante infância como motivo, e da criança como personagem” (p.12), se propondo a analisar as narrativas brasileiras de 1922 a 1987. Ironicamente, as crianças em situação de rua não foram consideradas nessa obra, como se não fossem crianças. Ainda nesse intento, 1922 é o ano que, coincidentemente, um menino de rua aparece em uma obra de romance brasileiro: *Dentro da Vida*, de Ranulpho Prata.

Em 1988, a publicação *Eu gosto tanto de você*, de Leila Iannone ganha destaque, pois a obra trata da história de um padre chamado Thomas, que passa seu Natal junto às crianças em situação de abandono moradoras da praça da Sé. As crianças são de várias idades, sofrem fome e necessidades maiores.

Millôr Fernandes, em uma crônica publicada em 1992 tenta explicar o insucesso do governo com a situação dos meninos de rua:

A velha história; todo dia o cara alimenta com alface o filhote do tigre, certo de que assim ele cresce vegetariano. Um dia, já adulto o tigre, o cara sorri, feliz com sua experiência, e o tigre come o cara. Os nossos homens públicos agem parecido; deixam as crianças abandonadas, sem alimento, sem casa, sem educação, sem fé, e com muita cola na cuca, certos de que assim elas se transformarão em cidadãos experientes, mais adaptadas à luta pela vida (Jornal do Brasil, 22 abr. 1992).

Nesta crônica, há uma clara explicação de Millôr de como os homens públicos lidam com o menor abandonado, não tomando nenhuma atitude, deixando-as crianças sem apoio, abandonadas em todos os aspectos, mas ainda assim, aguardando que elas se tornem cidadãos experientes para a luta diária que a vida exige.

Assim, a modernidade traz uma nova condição discursiva a respeito da infância: enquanto sujeito de direitos, visto que são tão cidadãos quanto os adultos, e, por esse motivo, devem ser consideradas e respeitadas como tal. A respeito disso, Kramer diz que:

[...] devemos atender as crianças porque é lei? Não, o direito deve ser garantido porque é nossa responsabilidade social, enquanto professores, mulheres e homens, cidadãos, tratarmos as crianças como cidadãos de pequena idade. Poderíamos falar dos avanços, retrocessos e impasses das políticas de infância no Brasil. Mas cabe lembrar que esta lei representa uma conquista de quem, ao longo de tantos anos, vem atuando na perspectiva de assegurar os direitos das populações infantis (KRAMER, 2003, p.56).

A ideia predominante a partir do século XX é, portanto, a de que a criança está protegida por meio de leis que emergem de como ela foi construída e reconstruída ao longo dos séculos. Por um lado, as crianças hoje se apresentam como sujeitos de direitos, por outro, muitos desses chamados “direitos” ainda não funcionam na prática, impedindo de muitos usufruírem de um dos mais importantes deles: o de ser criança.

Considerações finais

Diante da extensão do trabalho e do corpus de obras analisadas, é notório que a literatura brasileira, ao longo do tempo, tem se dedicado a retratar os excluídos sociais, com especial enfoque nas crianças marginalizadas. Desde o século XIX, escritores renomados como Monteiro Lobato e Mário de Andrade passaram a mostrar interesse pelas crianças à margem da sociedade, tornando-as protagonistas de suas narrativas e expondo questões sociais ignoradas previamente na literatura.

A partir do século XX, destacou-se a relevância de obras como *Capitães da Areia* de Jorge Amado, que trouxe para o público a realidade dos meninos de rua, conferindo-lhes protagonismo dentro do romance e denunciando um problema secular que havia sido negligenciado por muitos escritores. Essa e outras publicações da época contribuíram para chamar a atenção para os problemas enfrentados por crianças em situação de vulnerabilidade, instigando uma reflexão mais profunda sobre as desigualdades sociais.

A literatura, ao corporificar essas personagens excluídas, revela-se uma potente arma de denúncia frente às injustiças e desigualdades sociais presentes na sociedade brasileira. As representações literárias dessas crianças, muitas vezes invisíveis aos olhos da sociedade, proporcionam uma voz a esses grupos marginalizados e possibilitam que suas histórias e lutas sejam conhecidas e compreendidas.

Essas obras literárias têm o poder de sensibilizar e conscientizar o leitor sobre as dificuldades enfrentadas pelas crianças em situação de rua e pobreza, estimulando uma mobilização social para a busca de soluções efetivas. Ao trazer essas questões à tona, a literatura pode contribuir para influenciar políticas públicas mais justas e inclusivas, buscando resolver os impasses sociais enfrentados por essas crianças vulneráveis.

Dessa forma, a literatura brasileira desempenha um papel relevante na conscientização e na ampliação do debate sobre as desigualdades sociais, contribuindo para uma sociedade mais empática e engajada na busca por um futuro mais justo e igualitário para todas as crianças, independentemente de suas condições sociais.

CRediT

Reconhecimentos: Não é aplicável.

Financiamento: Não é aplicável.

Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.

Aprovação ética: Não é aplicável.

Contribuições dos autores:

Conceitualização, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. BRAZIL, Priscila Nunes.

Conceitualização, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. BATISTA, Maria Thais de Oliveira.

Conceitualização, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. ARAÚJO, Francisco Roberto Diniz.

Referências

AMADO, J. *Capitães da Areia*. 13 a ed. São Paulo: Martins, 1965.

AMADO, J. *Jubiabá*. 48 a ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

ANDRADE, Mário de. *“Piá não sofre? Sofre”*: Os melhores contos Mário de Andrade. Org. Telê A. Lopes. São Paulo: Global, 1988.

BRASIL. ECA - *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

CASTRO, Silvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. 2 a ed. Porto Alegre: LP&M, 1985.



KRAMER, Sonia. Direitos da criança e projeto político pedagógico de educação infantil. In: Bazílio, Luiz Cavalieri; Kramer, Sonia. *Infância, educação e direitos humanos*. São Paulo: Cortez, 2003.

LISPECTOR, Clarice. *“As caridades odiosas”*: A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

LOBATO, Monteiro. “Negrinha”. 13 a ed. São Paulo: Brasiliense, 1967.

MACHADO, Ana M. *Romântico, sedutor e anarquista*: Como e por que ler Jorge Amado hoje. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

POLINÉSIO, Julia M. *O conto e as classes subalternas*. São Paulo: Annablume, 1994.